

Distribuição da População no Estado do Piauí em 1940

EUGÊNIA GONÇALVES EGLER
Geógrafo do C.N.G.

O estado do Piauí com uma densidade demográfica em 1940 de apenas 3,28 habitantes por quilômetro quadrado, apresenta uma distribuição de população bastante irregular. Um simples exame do mapa revela esta irregularidade, notando-se além disso, a flagrante importância que exercem os rios como adensadores da população. Ao longo dos mesmos observam-se as maiores aglomerações urbanas e rurais, principalmente no médio e baixo Parnaíba. Êste fato resulta essencialmente da franca navegabilidade do rio nesses trechos. Atravessando o estado com a direção geral sul-norte o Parnaíba funciona como verdadeiro eixo, em tórno do qual gira quase tóda a vida econômica do Piauí.

Do vale do Parnaíba para leste o adensamento da população diminui gradualmente em direção aos contrafortes da serra de Ibiapaba ou Grande, no limite com o Ceará.

A zona central ou sertão é de população numerosa apesar de seu aspecto inóspito, o qual é devido ao clima semi-árido e à sua vegetação mais pobre. A parte sul do estado apresenta vazios demográficos que são bem marcados no mapa. Os rios apesar de seu regime temporário revelam-se também aí grandes adensadores da população. É ao longo dos vales que o elemento humano procura se condensar, enquanto os chapadões divisores d'água são desabitados.

De modo geral, em todo o estado as cidades estão localizadas ao longo dos rios. Possuem elas relativa importância por serem pontos de convergência da produção e de escoamento dos produtos. Delas se destacam: Teresina, Parnaíba, Piripiri, Floriano, Campo Maior, Oeiras e Picos, que constituem os maiores centros urbanos do Piauí.

Segundo o recenseamento de 1940 contava o estado com 817 601 habitantes, dos quais 84% viviam na zona rural entregues à exploração extrativa vegetal (babaçu, carnaúba, oiticica e mangabeira) à lavoura e à criação extensiva do gado. Apenas 16% da população se concentrava nas cidades.

De acórdio com a distribuição da população divide-se o Piauí em três grandes regiões: o Norte, o Centro ou Sertão e o Sul.

Em primeiro lugar será estudada a grande região do Norte, a mais populosa e importante sob o ponto de vista econômico e político.

ZONA NORTE

Estende-se da baixada litorânea através do interior do estado, até os rios Guariba-Itaim-Canindé. Engloba esta zona o baixo e médio Parnaíba e afluentes, bem como os contrafortes da serra de Ibiapaba.

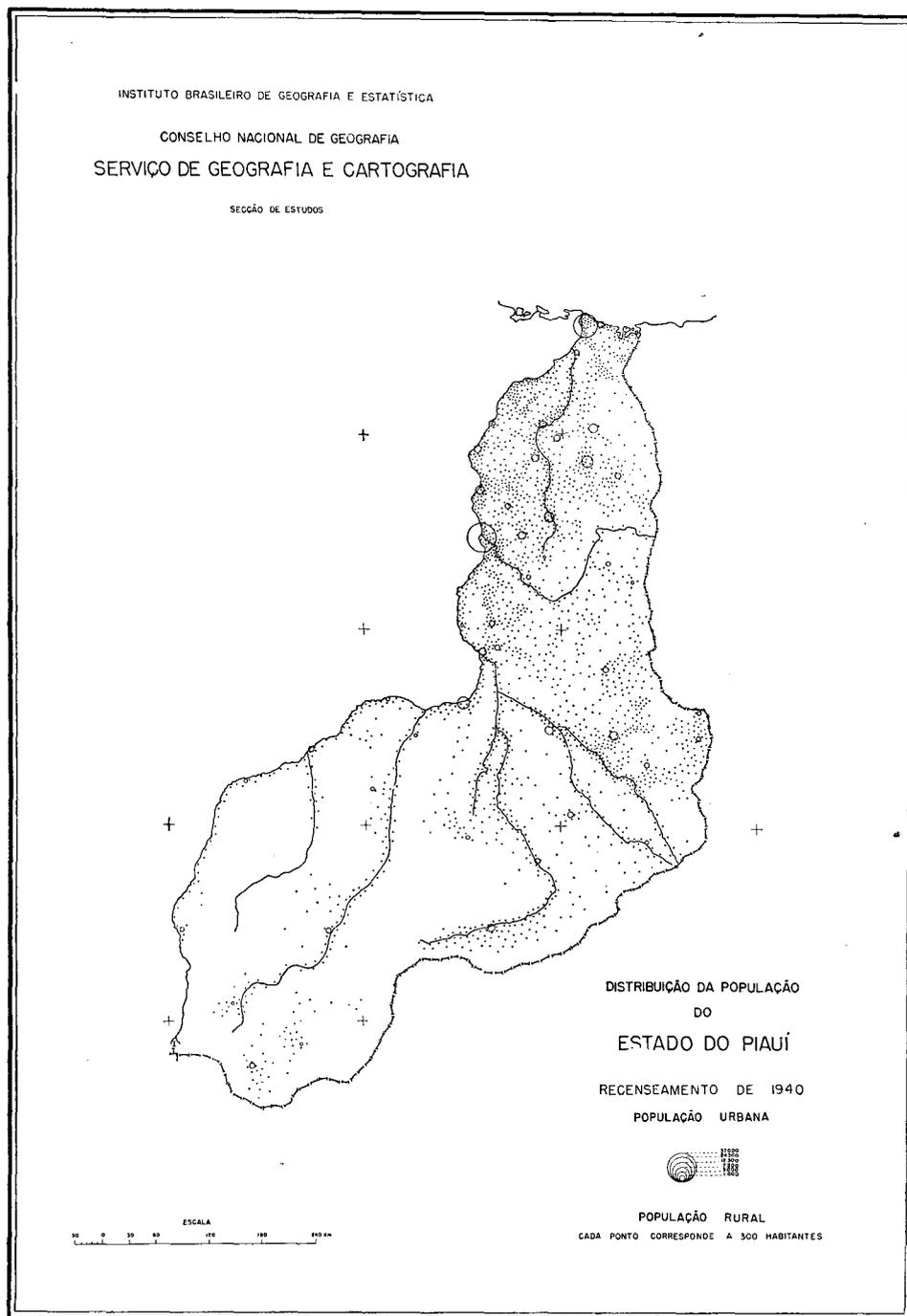
Abrange um tórço da área total do estado. É caracterizada por um relêvo irregular, desde as planícies marginais levemente onduladas do Parnaíba aos elevados tabuleiros de arenito de leste.

A vegetação característica da região é de caráter sub-xerófilo, apresentando ainda considerável porcentagem de elementos arbóreos. Alternando com esta vegetação aparecem grupos compactos de carnaubais, babaçuais, buritizais, tucunzais e formações de oiticicas, que se alinham ao longo da várzea do Parnaíba e de seus afluentes principais. São êstes os cinco grandes produtos extrativos, que constituem a maior riqueza do estado.

Esta região Norte é a mais próspera e ativa do Piauí. De ocupação bastante antiga, tem uma população rural e urbana relativamente numerosa. Nota-se, no entanto, que a distribuição da população não se faz de maneira regular em tóda ela.

Há um maior adensamento dos habitantes rurais ao longo do Parnaíba e de seus afluentes, destacando-se também aí um elevado número de cidades e vilas, a despeito das

freqüentes cheias e da malária endêmica. Êste maior adensamento contrasta com o povoamento disperso de leste. Tal distribuição está ligada intimamente a aspectos de caráter físico e econômico. O maior adensamento ao longo dos rios deve-se à facilidade de obtenção de água e à fertilidade das terras ribeirinhas, garantindo uma agricultura de subsistência, baseada na lavoura de arroz, mandioca e milho. Por outro lado, essa população é favorecida pela navegabilidade do Parnaíba e de alguns dos seus afluentes que proporcionam não só escoamento fácil aos produtos, como põem em constante intercâmbio os centros do interior com os do litoral.



A conquista dessa região Norte foi posterior à do sudeste do estado, devido à presença dos gentios que dificultaram a ocupação. Somente em princípios do século XVIII, lograram os colonizadores vencer este obstáculo, premidos pela necessidade de um escoadouro fácil para o litoral. Tornou-se então o Parnaíba a mais importante via de penetração por ser o único grande rio perene da região. Através de seu vale e de seus afluentes os boiadeiros estenderam-se com os seus rebanhos em quase toda a região, aproveitando as pastagens e erigindo currais e fazendas em todas as direções e que posteriormente deram origem aos povoados e cidades.

Foi, portanto, a pecuária que deu origem ao povoamento do Piauí. O grande ciclo econômico da criação de gado marcou um tipo de civilização, criando um meio social muito característico.

Os rebanhos, desde os primeiros dias da colonização, multiplicaram-se naturalmente, adaptando-se às dificuldades do ambiente, sem qualquer interferência do homem. Durante muitos anos esse gado criado à solta, serviu para recompor os rebanhos das capitânicas vizinhas, desde o Maranhão até o Recôncavo baiano. Com o desenvolvimento da pecuária foram instaladas charqueadas no baixo Parnaíba, que deram origem a uma indústria local muito importante. Durante muito tempo, a produção de carne seca do Piauí abasteceu o mercado nordestino. De pouca duração foi a prosperidade dessa indústria, que tantos melhoramentos e vantagens trouxe ao povo piauiense. Começou a declinar nos últimos anos do século XVIII, tirando a primazia do Nordeste.

No entanto, apesar das crises por que passou a pecuária continua ela a ocupar lugar destacado na economia piauiense. Atualmente com a industrialização da carnaúba, do babaçu e da oiticica, a pecuária, atividade econômica quase exclusiva e tradicional, está sendo em parte substituída por esta nova fonte de renda, baseada na extração de produtos vegetais.

O estado do Piauí, o maior criador de bovinos do Nordeste, contava em 1920 com um rebanho de aproximadamente 975 722 cabeças. Pelo recenseamento de 1940 ele se elevava a somente 993 987 cabeças, apesar de já decorridos vinte anos. Foi este aumento, relativamente pequeno se o compararmos com o que foi observado nos demais estados nordestinos cujos rebanhos foram acrescidos de mais de 200 000 cabeças.

A criação extensiva do gado bovino feita em grandes propriedades e a extração da cêra de carnaúba, do babaçu, do buriti, da oiticica e do tucum, formam atualmente os principais produtos da economia da região. A atividade extrativa vem principalmente garantindo um maior rendimento à região; necessita, porém, urgentemente, de melhores vias de transporte, que levem os seus produtos de modo mais econômico para os centros consumidores e exportadores.

Para suprir a população de produtos alimentícios e evitar maiores importações foi desenvolvida uma terceira atividade econômica: a agrícola, aproveitando a fertilidade dos terrenos de vazante ou várzea. Assim as populações ribeirinhas dos rios Parnaíba, Longá, Poti e afluentes aproveitam as terras baixas, úmidas para plantarem cereais, fumo e cana de açúcar, em pequenas propriedades.

Em consequência desta melhor utilização da terra e também da maior facilidade de transporte fluvial, esta zona situada entre os rios Parnaíba, Longá e Poti aparece como a mais povoada do estado. Apesar disto tudo, o homem de beira rio apresenta um nível de vida muito baixo premido pelas circunstâncias do meio, isto é, sempre na dependência do regime das águas. Muitas vezes, o fruto de seu trabalho é arrasado pelas cheias que inundam as margens, destruindo desde as plantações até as casas. Os vazanteiros tudo perdem, sendo obrigados a abandonar as terras e a se refugiar nos tesos, à espera que as águas baixem para retornarem à várzea.

Fora dos rios, para o interior, a lavoura não é compensadora, devido à falta d'água. Esta atividade só é praticada em áreas reduzidas para subsistência das fazendas.

Quanto à indústria, é quase inexistente e a que possui o estado tem poucas perspectivas de desenvolvimento, em consequência da falta de transportes, que perturba o desenvolvimento econômico da região.

A principal indústria da região é a extrativa vegetal, com produção de óleo de babaçu, gorduras, tortas, cêra de carnaúba, seguida pela indústria de laticínios e pela preparação de couros e peles em curtumes.

O norte do estado do Piauí dispõe de algumas rodovias deficientes e é servido pela Estrada de Ferro Central do Piauí, que tem o ponto terminal no município de Piracuruca. Essa ferrovia muito pouco tem influído na valorização da região.

Teresina e Parnaíba são os mais importantes centros urbanos do estado. A primeira conta com 34 695 habitantes. É hoje a capital, em substituição à antiga e decadente cidade de Oeiras. Graças à sua situação como ponta de trilhos da Estrada de Ferro São Luís-Teresina e ainda beneficiada pela navegação regular do Parnaíba é atualmente o maior entreposto comercial de toda a região e do estado. Sua esfera de influência se faz sentir em todo o Piauí por ser a receptora dos produtos do interior e o principal centro exportador. Tem comércio bem desenvolvido e uma feira semanal onde se reúnem forasteiros vindos de todos os recantos. Tem também algum movimento industrial, com fábricas de tecidos, de fumo, de óleos vegetais e máquinas de beneficiamento de arroz, algodão, engenhos de cana de açúcar, além de laticínios e charqueadas.

Parnaíba, antigo Pôrto da Barra, é a segunda cidade do Piauí. Está situada na margem leste do Igarapu, braço do Parnaíba e é o principal pôrto fluvial do estado. Tem cêra de 22 176 habitantes e é a cidade mais importante sob o ponto de vista industrial e comercial de toda a bacia do Parnaíba. Foi o maior centro da indústria de charque e também a primeira a exportá-lo. Mantém um animado tráfego comercial com todas as vilas e povoações ribeirinhas, por meio de barcaças e pequenos navios. O seu principal comércio consiste na exportação de couro, borracha, algodão, côco babaçu, cêra de carnaúba, produtos êsses transportados aos navios no pôrto de Tutóia, no Maranhão, por onde se faz todo o comércio marítimo com os outros estados da União ou com o exterior.

Outras cidades de relativa importância que aí se situam são: Campo Maior (3 680 habs.), Piripiri (4 520 habs.), Piracuruca (2 476 habs.) e Altos (2 437 habs.).

Examinando-se agora a distribuição da população na estreita faixa litorânea observa-se que a população rural se distribui esparsamente ao longo dêsse litoral pouco recortado. Há, no entanto, um maior adensamento em tôrno de Parnaíba, rarefazendo-se a população progressivamente para leste em direção a Luís Correia, único pôrto marítimo do estado e que tem 916 habitantes.

Esta distribuição demográfica tem apenas sua explicação na feição física desta costa, onde são freqüentes os baixios e os lençóis de areias movediças, dificultando a navegação costeira. Muitas vêzes, os bancos de areia, devido à ação dos ventos freqüentes mudam a posição do canal de navegação, dificultando o acesso aos navios. Ainda para agravar mais a situação do pôrto de Luís Correia, em frente ao canal de acesso, corre uma linha de arrebentação onde o mar é forte, principalmente, por ocasião das marés de vazante.

Tais fatores têm ocasionado sérios empecilhos à construção de um bom pôrto marítimo no Piauí, falta esta que tem acarretado graves transtornos ao desenvolvimento econômico do estado. O seu comércio marítimo está praticamente paralisado pela falta de um escoadouro. Tal problema será sanado com a construção de um bom pôrto, que virá proporcionar escoamento fácil para a produção o que será um grande estímulo para toda a região. Atualmente quase todas as transações são feitas pelo pôrto de Tutóia.

A população que se radicou nesta estreita baixada litorânea é constituída, sobretudo, por pescadores. Faz-se, também, aí a exploração de salinas naturais. Para o interior, onde o solo se torna menos arenoso surgem então, pequenas lavouras de mandioca, milho, arroz, feijão, para consumo doméstico.

ZONA CENTRAL OU SERTÃO

Na Região Central do estado ou Sertão a população é menos densa que no Norte. Esta zona assim denominada ocupa uma área extensa. É limitada ao sul pelo vale do Piauí e a oeste pelo escarpamento da chapada do Araripe e Dois Irmãos. Aí se localizam numerosos centros produtores de importância para a região, tais como: Oeiras, Picos, Jaicós e São Raimundo Nonato.

Como já foi dito, esta região foi a primeira ocupada no estado do Piauí, pois, os primeiros povoadores penetraram pelos vales dos rios Canindé e Piauí, afluentes do Parnaíba, vindos de Pernambuco e da Bahia em princípios do século XVIII. Foi o foco inicial de povoamento, apesar das condições desfavoráveis impostas pelo clima semi-árido e pelo regime irregular das chuvas, condições estas que se refletem no próprio revestimento vegetal constituído de caatinga, vegetação xerófila.

Ao longo dos rios, onde a terra é mais fresca, é freqüente aparecerem grupos contínuos de carnaubais e babaçuais, cuja exploração representa atualmente uma das principais atividades econômicas da região.

O homem que se radicou no Sertão adaptou-se bem às condições do ambiente, dedicando-se à criação extensiva que vem permanecendo através dos séculos como a principal atividade econômica. A indústria pastoril visando ao fornecimento de leite e derivados e à criação de gado, generalizou-se no Sertão apesar da pobreza dos pastos nativos. Assim perdeu por muito tempo a criação amparada nos mercados consumidores da Bahia, Pernambuco e Paraíba.

A distribuição da população é extremamente irregular. Dentro da região há certas áreas que aparecem mais bem ocupadas, como a parte leste, próxima aos contrafortes da chapada do Araripe e as margens dos rios Piauí, Itaim e Canindé.

O maior adensamento do leste, entre os rios Guariba e Itaim se explica por ser esta zona grandemente beneficiada pelas águas de infiltração da chapada e pela fertilidade dos solos resultantes da decomposição de rochas do complexo cristalino. Quanto aos rios, exercem influência como condensadores da população, graças à facilidade de obtenção d'água e à fertilidade de suas margens. Além disso, é também pelos vales que seguem os caminhos e picadas utilizadas para as trocas comerciais.

No extremo leste do Sertão, como na Região Norte, o relevo funciona como elemento amenizador do clima; há como um microclima, onde as chuvas chegam a uma altura média de 700 a 800 mm anuais. O revestimento florístico que é a caatinga, torna-se menos seca, apresentando quase sempre folhas verdes e ao mesmo tempo maior variedade que não é encontrada, em geral, no sertão.

O aproveitamento desta área é relativamente intenso, se comparada com o resto do Sertão, isto é, o sudoeste e o sul. No leste as condições são bem melhores; os habitantes praticam com êxito a lavoura de milho, arroz, mandioca, feijão, cana de açúcar e algodão, para o seu sustento e um pequeno comércio.

Grande parte da produção algodoeira do Sertão abastece as fábricas de tecidos de Teresina.

O sertanejo que habita esta zona se dedica seis meses no ano à lavoura e seis meses à vaquejada na caatinga.

Em contraste com o leste e as concentrações ao longo dos rios, os divisores de água Piauí-Canindé e Canindé-Itaim apresentam um povoamento muito disperso e instável, devido principalmente ao clima de precipitações bastante irregulares e menos abundantes. Nada há que estimule o homem para que ele se radique nesta zona, devido às más condições de solo, de clima e de transporte.

Vê-se, portanto, que aqui no Sertão a água é fator decisivo na distribuição da população. Assim é que as zonas onde a pluviosidade não ultrapassa 700 mm anuais, como é o caso do sul e do sudoeste, torna-se o precioso líquido difícil, vindo a agravar mais a situação, o alto grau de permeabilidade do solo nas chapadas de arenito. Daí a rarefação da população aí verificada; esta se adensa ao longo dos rios e em certas áreas onde o lençol d'água subterrâneo é permanente e resiste às secas, permitindo a abertura de cacimbas.

Muitas vezes, quando os rigores da seca se fazem sentir intensamente, o sertanejo é levado pelas contingências do meio a um movimento de migração temporária para as regiões vizinhas. Por ocasião das chuvas, de novembro a março, a maior parte volta a ocupar as terras abandonadas para se dedicarem à lavoura, à criação e à extração vegetal.

Atualmente o sertanejo para sanar as dificuldades da falta d'água constrói, por ocasião da estação chuvosa barragens e tanques rudimentares, onde a água é acumulada não só para o seu consumo como para os animais.

A riqueza econômica, representada pela criação extensiva do gado, fêz do Sertão a principal área criadora do estado, abastecendo com o gado "pé duro", os centros vizinhos. Contava, em 1920, um rebanho aproximado de 350 000 cabeças. Em 1940 decresceu para 300 000, diminuição esta que se pode atribuir ao maior desenvolvimento da indústria extrativa vegetal, mais rendosa mau grado as dificuldades de transporte e a inexistência de mercados consumidores próximos.

A origem do povoamento do sertão piauiense, como já foi dito, se deu com a instalação de fazendas de criação estabelecidas por criadores vindos de Pernambuco e da Bahia. Tornou-se o Sertão, desde o início, o mais importante centro pastoril natural do Nordeste, estendendo-se até o vale do São Francisco. Durante muito tempo esse gado criado à solta serviu para abastecer de carne as capitanias vizinhas.

Com o crescente desenvolvimento dessa atividade econômica e com a introdução de novos elementos, diversas sesmarias foram instaladas, principalmente ao longo dos rios. Graças à criação de sesmarias inúmeras paróquias surgiram, as quais, posteriormente, deram origem a cidades e vilas. Dentre elas, distinguem-se Oeiras, antiga Mocha, ex-capital do estado, atualmente uma das mais importantes cidades do Sertão, com 3 038 habitantes em 1940. Ocupava antigamente posição chave quanto às comunicações interiores nordestinas ligando o Piauí ao Maranhão, ao Ceará, a Pernambuco e à Bahia. Ao longo dessas estradas multiplicavam-se as fazendas e currais. Quase tôdas essas se destinavam, sobretudo, a conduzir o gado criado no Sertão, para os mercados do litoral.

A pecuária que motivou o devassamento e o povoamento do Sertão, vem cedendo lugar hoje à extração vegetal. Para o declínio dessa tradicional atividade muito contribuíram a presença dos latifúndios e o desinteresse pelo melhoramento das raças bovinas.

A nova atividade extrativa tem proporcionado melhores rendimentos à população, graças aos altos preços alcançados pelos seus produtos, implantando novos hábitos e padrões de vida.

Quanto às vias de comunicação a região é muito mal servida de rodovias. A única digna de ser mencionada é a que vai de Floriano no Parnaíba ao Ceará, via Picos, depois de atravessar o Sertão de oeste a leste. A maior parte da mercadoria bruta do Sertão é drenada para Pernambuco e Bahia, em lombo de burro, por ser este meio de transporte o mais usado na região apesar dos grandes sacrifícios e despesas. Quanto ao ramal Petrolina-Teresina da Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro, apenas alcança o município de Paulista (Paulistana)¹ na margem do Canindé, tendo influído pouco no desenvolvimento da região.

Floriano com 7 084 habitantes é o principal entreposto comercial por ser o ponto de convergência de quase tôda a produção e da população sertaneja. Está situada em posição favorável, quanto às vias de comunicação, isto é, no ponto terminal da navegação no médio Parnaíba e no início da estrada de rodagem que liga o sertão ao Ceará. Além desta cidade, conta a região com outros centros urbanos de relativa importância, como: Picos, (2 943 habs.), Jaicós (1 163 hab.), e São Raimundo Nonato (1 869 habs.).

Picos é uma das principais cidades do Sertão, estando situada na várzea do Guariba, afluyente do Itaim. Surgiu como tantas outras cidades, de uma antiga fazenda de gado. Hoje possui algumas usinas de descarregar algodão e engenhos de aguardente e rapadura.

ZONA SUL

Em contraposição ao Norte, o Sul do Piauí apresenta uma população rural muito dispersa e rarefeita, verificando-se em certos trechos grandes vazios demográficos. Também a população urbana é reduzidíssima.

É a região dos chapadões de arenito, de solos pobres e de vales profundos; possui ainda extensas áreas de terras devolutas e inexploradas. Essas chapadas, muitas vezes, terminam abruptamente junto aos rios, formando escarpas íngremes, o que tem dificultado, de certo modo, o aproveitamento das margens. O encaixamento dos rios e o seu regime temporário impossibilitando a navegação, dificultaram o povoamento, principalmente nas altas cabeceiras

¹ Os nomes colocados entre parênteses correspondem às denominações dos municípios posteriores a 1940.

dos rios Parnaíba e Uruçuí-Prêto. Mas desde que o vale se torne mais aberto, a população procurará se instalar junto ao rio, onde são grandes as vantagens, pela facilidade de obtenção d'água e pela fertilidade das terras, que dão maior rendimento agrícola. Também os núcleos urbanos alinham-se ao longo dos rios: Santa Filomena, Ribeiro Gonçalves, Uruçuí e Pôrto Seguro, (Guadalupe) no alto Parnaíba; Bom Jesus e Jerumenha, no Gurguéia.

Contrastando com o povoamento dos vales, os divisores de água Parnaíba-Uruçuí-Prêto e Gurguéia-Piauí, parecem quase completamente desabitados. São êsses chapadões recobertos duma vegetação de campos sujos e cerrados, tradicionalmente aproveitados para a criação extensiva do gado.

No extremo sul do estado, em Gilbués, Paranaguá e Corrente verifica-se um adensamento maior dos habitantes. Aqui a população rural se concentra nas "veredas", que são os vales dos rios temporários que drenam a região. Na época da estiagem se transformam em vales secos².

Apesar de esta zona sentir intensamente os rigores da estação sêca, ela se apresenta mais povoada que o oeste, apesar de ser a água aí mais abundante, nos altos vales do Parnaíba de seu afluente Uruçuí-Prêto; devido à constituição geológica do terreno, permitindo a formação de lençóis d'água subterrâneos, as cabeceiras dos rios são perenes.

Na zona de Parnaguá e Corrente parece que os solos melhores possibilitam o desenvolvimento de uma pequena agricultura de subsistência, ao passo que para oeste dominam as extensas chapadas de arenito desabitadas. Além disso, pelas "veredas" é que seguem também os caminhos e picadas. A possibilidade de comerciar com os produtos vegetais que explotam, com cêra de carnaúba, babaçu, malva, além do excedente da produção agrícola que, às vêzes, possuem, favorece um desenvolvimento maior da população rural nesta região.

O comércio se faz com a cidade de Rio Prêto (Ibipetuba) na Bahia, situada à margem do rio do mesmo nome, afluente do rio Grande.

Aqui, no sul do estado, verifica-se, portanto, o maior adensamento da população na zona das "veredas" em Parnaguá e Corrente.

Para atenuar os efeitos da falta d'água o homem lança mão de uma técnica rudimentar construindo pequenas barragens na época das chuvas, além dos tanques e poços. Dêste modo, pode praticar uma agricultura suficiente para seu consumo³.

CONCLUSÃO

De tudo que foi dito sôbre a distribuição da população no estado do Piauí chega-se à conclusão de que esta se apresenta bastante irregular e disseminada.

Ao primeiro exame do mapa se destaca o papel importante que os rios têm desempenhado como concentradores da população rural, a despeito do seu regime temporário, das cheias e da ocorrência de malária endêmica nos seus vales. Esta maior atração exercida pelos rios está relacionada, como foi visto, a diversos fatores físicos e econômicos. Para atestar ainda mais a influência dos rios, basta ver o elevado número de cidades que se situam ao longo de seus cursos.

Entretanto, não são sômente os rios que têm desempenhado papel destacado como fator de adensamento da população. Também as serras do Araripe e de Ibiapaba oferecem condições favoráveis ao povoamento pela maior umidade, que garante um melhor aproveitamento da região. Tal fato que constitui uma característica mesma do povoamento na região nordestina, e que se acentua de modo destacado no Ceará, já aparece, portanto, no leste do Piauí.

Desde o início do povoamento tiveram os rios papel relevante como vias de penetração, seguidas pelos colonizadores na expansão da pecuária no Piauí. Atualmente, a importância

² PEDRO GEIGER "As veredas e os gerais da região do rio Prêto, na Bahia. *Boletim Carioca de Geografia*, ano III, n.º 1.

³ PEDRO GEIGER — *Obra citada*.

dos vales nas comunicações é ainda grande, pelo fato de a maioria dos caminhos e picadas seguirem ao longo deles.

O Parnaíba, dentre todos os rios do estado, é o que mais se tem distinguido como concentrador de população rural e urbana. Esse maior adensamento está intimamente relacionado à sua importância como via de comunicação, por ser o único rio perene de importância do estado. Tal fato se torna mais relevante por ser o Piauí um estado destituído de boas rodovias e ferrovias.

Por outro lado, outro fator da maior atração exercida pelo rio é a possibilidade de aproveitamento agrícola das margens e as riquezas inestimáveis de seus extensos carnaubais e babaquais que muito têm contribuído para o desenvolvimento econômico do estado.

Apesar de ser a principal via de comunicação o Parnaíba não é intensamente ocupado. Podem-se distinguir duas zonas demograficamente diversas: a primeira, a mais povoada, estende-se por todo o baixo e médio rio até Floriano, onde se inicia a navegação regular. É a zona mais próspera e ativa para onde tem-se deslocado todo o movimento comercial e político do Piauí. Assim é, que a quase totalidade da produção não só desta região, como de todo o estado é drenada pelo rio para os mercados e portos do litoral.

A zona menos povoada e de população rala ocupa o alto Parnaíba, coincidindo justamente com o trecho não navegável.

De tudo isto, ressalta o papel destacado que vem desempenhando o Parnaíba no progresso e no desenvolvimento do estado do Piauí.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- 1) — BARBOSA LIMA, Sobrinho, *O devassamento do Piauí*, 190 páginas, Brasileira, série V. Vol. 255, Cia. Editôra Nacional, São Paulo.
- 2) — DENIS, Pierre, "Amérique du Sud — *Le Brésil*, Tome XV, Première Partie, 210 páginas, 36 figuras, 64 fotografias, Librairie Armand Colin, Paris, 1927.
- 3) — HARTT, Charles Frederick, *Geologia e Geografia Física do Brasil*, tradução de EDGAR SUSSEKIND DE MENDONÇA e ELIAS DOLIANITI, 649 páginas, 94 figuras, Brasileira, série V. Vol. 200, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1941.
- 4) — LUETZELBURG, Philipp Von, *Estudos Botânicos do Nordeste*, 283 páginas, 31 fotografias, Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas, volume III — Publicação n.º 57, série I, A, Rio de Janeiro, 1922.
- 5) — MIRANDA, Agenor Augusto de, *Estudos Piauienses*, 221 páginas, Brasileira, série V. Vol. 116, Cia. Editôra Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- 6) — MOURA BATISTA, Benjamim de, *O Piauí*, 233 páginas, Tip. do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1920.
- 7) — MARTINS, Napoleão, *O Piauí e o Nordeste (Aspectos e problemas de sua vida social)*, 19 páginas, Departamento Estadual de Estatística, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1942.
- 8) — OLIVEIRA, Avelino Inácio de, e LEONARDO, Othon Henry, *Geologia do Brasil*, 2.ª edição, 202 páginas, 37 estampas, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1943.
- 9) — PRADO JÚNIOR, Caio, *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*, 388 páginas, Editôra Brasiliense Ltda. São Paulo, 1945.
- 10) — VIVEIROS FUSETTI, José, *O babaçu nos estados do Maranhão e Piauí*, 43 páginas, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1944.
- 11) — Sem autor, *Estado do Piauí (O Brasil)*, Monografias Estatístico-Descriativas Municipais, 180 páginas, 2 quadros, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Estatística e Publicidade, Imprensa Oficial, Rio de Janeiro, 1939.

Periódicos

- 1) — CASTELO BRANCO, R. B., “A civilização piauiense” *Observador Econômico e Financeiro*, ano IV, n.º 48, páginas 22-24. 1 fotografia.
- 2) — GEIGER, Pedro Pinchas, “As veredas e os gerais da região do rio Preto na Bahia (estudo de geografia humana)”, *Boletim Carioca de Geografia*, ano III, n.º 1, janeiro-março de 1950, pp. 18-31.
- 3) — TEIXEIRA GUERRA, Antônio, “O vale do Parnaíba e as cidades centro de transportes” *Revista do Comércio*, ano II, n.º X, setembro de 1946, Pp. 65-67.
- 4) — SIMAS PEREIRA, Gilvandro, “Expedição ao Jalapão”, *Revista Brasileira de Geografia*, ano V, n.º 4, outubro-dezembro de 1943, Pp. 573-614, 2 mapas, 42 fotografias.

Inéditos

Divisão Regional do Brasil — Região Nordeste, Secção de Estudos Geográficos, 1945.

Mapas

- Mapa Geológico do Brasil*, Escala 1 : 5 000 000, Departamento Nacional da Produção Mineral, Divisão de Geologia e Mineralogia, Cia. Litográfica Ipiranga, São Paulo, 1942.
- Mapa da Viação dos Estados do Piauí e Ceará*, Escala 1 : 1 500 000, Departamento Nacional de Estradas de Ferro, Ministério da Viação e Obras Públicas, 1944.